

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

NATANIELE TERTULIANO DA SILVA

A Interpretação dos Sonhos: a expressão do Wunsch freudiano

Maceió
2021

NATANIELE TERTULIANO DA SILVA

A Interpretação dos Sonhos: a expressão do Wunsch freudiano

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Cleyton Sidney de Andrade.

Maceió
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA

FICHA DE AVALIAÇÃO DO TCC – VERSÃO AVALIADOR (A)

Aluno: Nataniele Tertuliano da Silva

Matrícula do aluno: 14210460

Título do TCC: A Interpretação dos Sonhos: a expressão do Wunsch freudiano

Avaliador (a)/Unidade: Profa. Dra. Susane Vasconcelos Zanotti / Instituto de Psicologia (IP/UFAL)

Orientação: É função dos avaliadores atribuírem, ao final do parecer uma nota de zero (0) a dez (10.0), considerando os seguintes indicadores e critérios:

Indicadores	Contemplado	Contemplado em Parte	Não contemplado
1- O problema está bem delimitado e existe coerência com os objetivos?	x		
2- O referencial teórico utilizado é atualizado e coerente com o problema proposto?	x		
3 – O método é bem definido e adequado ao problema e objetivos, com as fases de pesquisa claramente relatadas?	x		
4- Os resultados, discussão e conclusões apresentam coerência entre si e com o problema proposto?	x		
5 - O texto é claro, objetivo e usa linguagem correta?		x	

Recomendações/sugestões da avaliadora:

O trabalho aborda tema primordial da teoria psicanalítica, a interpretação dos sonhos, com base na noção de desejo. Apresenta a expressão do Wunsch freudiano nesse contexto e seu desenvolvimento contempla plenamente os critérios para sua aprovação.

Sugere-se: 1) incluir numeração de páginas; 2) revisar referências ao longo do texto quanto a ordem dos elementos (sobrenome do autor, ano, página); apresentação da citação e a listagem final, observando sua adequação às Normas. Ex: Na p.2 - (FREUD, p. 05, 1900/2018a); ao mencionar declaração de Freud em 1ª. pessoa, cita Garcia-Roza como autor; 3) incluir resumo, se o modelo adotado para o TCC for o formato de artigo; 4) correção de erros de digitação.

Para trabalhos futuros, eu levantaria a questão se a Psicanálise seria uma ciência do desejo, tal como indicado no início do trabalho.

Nota do Avaliador: 9,5

Data: 01/02/2021

Susane V. Zanotti

Susane Vasconcelos Zanotti/SIAPE:1560350



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
CURSO DE PSICOLOGIA

FICHA DE AVALIAÇÃO DO TCC – VERSÃO ORIENTADOR

Aluno (a): Nataniele Tertuliano da Silva

Matrícula: 14210460

Orientador (a)/Unidade: Prof. Dr. Cleyton Sidney de Andrade

Título do TCC: A Interpretação dos Sonhos: a expressão do *Wunsch* freudiano

Orientação: É função dos avaliadores atribuir, ao final do parecer uma nota de zero (0) a dez (10.0), considerando os seguintes indicadores e critérios:

Indicadores	Contemplado	Contemplado em parte	Não Contemplado
1- O problema está bem delimitado e existe coerência com os objetivos?	X		
2- O referencial teórico utilizado é atualizado e coerente com o problema proposto?	X		
3 – O método é bem definido e adequado ao problema e objetivos, com as fases de pesquisa claramente relatadas?	X		
4- Os resultados, discussão e conclusões apresentam coerência entre si e com o problema proposto?	X		
5 - O texto é claro, objetivo e usa linguagem correta?		X	

A Interpretação dos Sonhos: a expressão do *Wunsch* freudiano

Nataniele Tertuliano da Silva¹

Cleyton Sidney de Andrade²

Introdução

É com o tratado sobre os processos oníricos, *A Interpretação dos Sonhos* (*Traumdeutung*), que Freud inaugura a psicanálise como ciência, e mais que isso, atribui à psicanálise o estatuto de ciência do desejo, ao descobrir que todo o sonho expressa um *Wunsch*, demonstrando que no inconsciente há desejos, sobre o qual o sujeito sabe sem saber que sabe (QUINET, 2000). Não por acaso, Freud afirma que: “a interpretação dos sonhos é a via régia para o conhecimento do inconsciente na vida psíquica” (FREUD, p. 636, 1900/2018b). Percebe-se, portanto, que *A Interpretação dos Sonhos*, publicada em novembro de 1899, mas com data de 1900, parecia destinada a ser um dos livros mais importantes do século XX (RIVERA, 2018).

É com a *Traumdeutung* que Freud destitui do sonho sua marca de mero fenômeno acessório ou aleatório e o situa enquanto um importante e complexo trabalho psíquico (RIVERA, 2018). É percorrendo as estranhezas dos caminhos dos processos oníricos que Freud evidencia que “todo sonho se mostra como uma formação psíquica de pleno sentido” (FREUD, p. 15, 1900/2018a), “um ato psíquico genuíno” (FREUD, p. 561, 1900/2018b).

Apesar disso, o laborioso trabalho de Freud, reflexo do desvendamento dos processos oníricos por meio de inúmeros exemplos sobre a técnica de interpretação dos sonhos, não foi suficiente para convencer os psiquiatras e críticos da época, sendo vendidos apenas 351 exemplares nos seis primeiros anos após sua primeira publicação (GARCIA-ROZA, 2009). “A atitude dos críticos de publicações científicas”, escreve Freud no prefácio à segunda edição, “apenas foi capaz de autorizar a expectativa de que o destino desta minha obra era ser reduzida ao silêncio” (FREUD, p. 5, 1900/2018a). Para ele, seus colegas pareciam

¹ Graduanda do curso de Bacharelado em Psicologia, Instituto de Psicologia (IP) – Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

² Professor orientador do curso de Psicologia, Instituto de Psicologia (IP) – Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

não ter se dado ao trabalho de superar a estranheza inicial que minha nova concepção do sonho foi capaz de despertar, e os filósofos de ofício, acostumados a tratar os problemas da vida onírica como um apêndice dos estados conscientes, dispensando-os com algumas frases (...), parecem não ter percebido que justamente desse ponto podem ser extraído muitos elementos que devem levar a uma transformação radical de nossas teorias psicológicas (FREUD, p. 05, 1900/2018a).

No entanto, apesar do fracasso inicial de vendagem, a obra freudiana foi adquirindo sucessivas edições a partir de 1909, tornando *A Interpretação dos Sonhos*, na declaração de Freud à terceira edição inglesa de seu livro, “a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Compreensão dessa espécie só ocorre uma vez na vida” (GARCIA-ROZA, p. 61, 2009). Tal descoberta torna-se a formulação central sobre a teoria dos sonhos: “o sonho, em sua essência mais íntima, significa uma realização de desejo” (FREUD, p. 148, 1900/2018a).

Que os sonhos exprimiam votos e aspirações já não era novidade na época em que *A Interpretação dos Sonhos* foi publicada. Todavia, “dizer que só existem sonhos de realização de desejo (atendimento de demanda e presentificação de desejo inconsciente)” é o que torna a tese de Freud ainda mais chocante e da qual ele nunca abriu mão, elevando a *Wunscherfüllung* (realização de desejo) à categoria de lei do sonho, uma proposição geral (QUINET, p. 72, 2000).

Dessa maneira, considerando a importância da máxima freudiana sobre a teoria dos sonhos, bem como seu aspecto fundante para o campo psicanalítico, o presente trabalho visa dissertar sobre a noção de desejo na obra *A Interpretação dos Sonhos*. Mais especificamente, busca-se discorrer sobre as características do *Wunsch* freudiano nesta obra que tem seus primeiros contornos delineados no *Projeto para uma Psicologia*, em 1895. Logo, faz-se necessário um retorno ao *Projeto para uma Psicologia (Entwurf)*, bem como verificar como os sonhos eram apreendidos por estudiosos que antecederam Freud, de modo que se compreenda a peculiaridade da abordagem freudiana sobre os processos oníricos.

Sobre o sonho e a originalidade freudiana

A forma peculiar que resulta da elaboração onírica produz o caráter enigmático dos sonhos que, ao longo dos séculos, tem despertado a curiosidade e interesse na história da

humanidade. Não por acaso, muitas chaves interpretativas foram propostas e muitos intérpretes do futuro viram nas vicissitudes dos sonhos uma predição (COSTA, 2009). Tal singularidade dos sonhos também despertou em Freud o interesse de “explicar os processos dos quais resultam a estranheza e a irreconhecibilidade do sonho e extrair deles uma conclusão sobre a natureza das forças psíquicas de cuja atuação conjunta ou antagônica ele se origina” (FREUD, p. 15, 1900/2018a).

Freud reconhecia o traço histórico que a concepção de sonho tinha entre os povos; tanto que o autor inicia *A Interpretação dos Sonhos* com a apresentação de um panorama de estudos sobre a vida onírica de autores que lhe antecederam. Contudo, antes mesmo de adentrar nos resultados de sua pesquisa bibliográfica, ele ressalta que mesmo diante de um esforço milenar, muito pouco se avançou na compreensão científica do sonho, a ponto da existência de um vasto material sobre o tema, até então, conseguir atingir apenas “nada ou pouco que toque a essência do sonho ou que resolva de maneira definitiva algum de seus enigmas” (FREUD, p. 15, 1900/2018a).

Em sua obra, Freud (1900/2018) expressa o caráter sobre-humano que os povos da Antiguidade faziam sobre o sonho. Para eles, os sonhos traziam revelações da parte de deuses e demônios com propósito de comunicar-lhe o futuro. Entretanto, a extraordinária diversidade da expressão onírica tornou impossível a criação de uma concepção unitária, sendo necessário, na tentativa de dar conta do fenômeno onírico, múltiplas distinções e agrupamentos de sonho, considerando seu valor e confiabilidade. Aristóteles, por sua vez, já tinha transformado o sonho em objeto de estudo da psicologia, tratando-o enquanto consequência das leis do espírito humano e definindo-o como uma atividade psíquica enquanto dura o sono.

É a partir do século XIX, com o Positivismo, que o sonho perde seu caráter divinatório e ganha lugar no corpo do sonhador como um fenômeno de cunho orgânico e pessoal que não transmite mensagens sobrenaturais, mas que tem sua fonte originária nas impressões corporais da pessoa adormecida, tais como os ruídos, temperatura ambiente, humores e processos corporais. Além disso, é também pela aproximação com o delírio que o sonho é tomado enquanto de posse daquele que sonha, sendo o sonhar uma oposição à razão. Nesse sentido, o sonho continua com seu traço de mero mensageiro entre dois, entre o natural e o divino, o real e o irreal, entre razão e o onírico; instâncias amparadas por leis distintas e antagônicas. E é justamente por aquilo que escapa a essas instâncias demarcadas, que Freud se interessa em investigar os mistérios envolvidos nos processos

oníricos e imprime em sua teoria seu traço inovador na abordagem sobre os sonhos (PROCHET, 2013).

E é percorrendo por esse caminho que o autor desenvolve seu vasto estudo psicológico sobre os processos oníricos e consolida a psicanálise como um campo singular de abordagem sobre os sonhos (COSTA, 2006). O que Freud (1900/2018) fez foi abrir espaço para problemática da interpretação dos sonhos e reconhecer o sonhar enquanto um ato psíquico, tomando o “sonho desde o princípio como algo composto, como um conglomerado de formações psíquicas” (FREUD, p. 125, 1900/2018a). Além disso, é com seu estudo sobre os sonhos que Freud (1900/2018) inverte o que até então se compreendia como interpretação onírica, sendo o sonhador intérprete de seu próprio sonho. Para tanto,

o método freudiano consiste simplesmente em fazer com que o sonhador fale sobre seu sonho. Isso significa aplicar ao sonho a regra de ouro da psicanálise, a associação livre de ideias – a célebre proposta de que fale tudo o que vier à cabeça, sem censuras ou restrições. Em vez de um falatório sem nexos, essas associações revelam-se nada livres, mas firmemente ligadas a um encadeamento inconsciente, que a interpretação tenta reconstruir (RIVERA, p. XVIII, 1900/2018a).

Dessa maneira, o que Freud (1900/2018) possibilita, através de seu método de interpretação dos sonhos, é a construção de uma narrativa que aponta para algo que vai além daquilo que o sonhador diz saber, que demonstra que o sonho não é meramente um processo somático, mas sim que o ímpeto para sua formação vem do inconsciente. Ou melhor: do desejo infantil inconsciente.

A *Traumdeutung* torna-se, portanto, a obra freudiana central sobre a teoria do desejo, mas não é a primeira obra em que Freud discorre sobre a realização de desejo. Em suas correspondências a Fliess, o autor envia seu *Projeto para uma Psicologia Científica*, em outubro de 1895, no qual é possível encontrar o registro indispensável e as principais teses freudianas no que diz respeito à teoria da realização de desejo (GREEN, 2010).

O Wunsch freudiano e seu uso em alemão

Wunsch é um termo presente desde as primeiras formulações freudianas; entretanto, é na *Interpretação dos Sonhos* que ele será abordado mais detalhadamente (HANNIS, 1996). Para tanto, Freud no percurso de seus delineamentos teóricos, faz uso de um termo banal e corrente da língua alemã e aos poucos vai “transformando-o, caracterizando-o,

conceituando-o para fazer do *Wunsch* inconsciente a própria essência do sonho” (QUINET, p. 65, 2000).

Em alemão, *Wunsch* designa um voto, uma aspiração, um desejo, algo almejado ou mesmo um pedido. Nesse sentido, o termo *Wunsch* pode ser utilizado para expressar votos de bom aniversário, de recuperação a alguém que esteja doente; além de expressar o que se espera acontecer. Outrossim, num nível mais prosaico e imediato, *Wunsch* pode indicar a vontade, o querer, a vontade de fazer ou ter algo, o desejo por algo ou de possuir e usufruir (HANNIS, 1996). À vista disso, Quinet (2000) ressalta que no *Wunsch* a dimensão do Outro do endereçamento estará sempre presente. Assim sendo,

quando é designado e explicitado a alguém, ele se apresenta claramente como um pedido, uma demanda. *Ich muss ihr diesen Wunsch versagen* (Devo-lhe recusar essa demanda); *Prospekte werden auf Wunsch zugesandt* (Enviaremos os prospectos conforme os pedidos). É também o *Wunsch* que encontramos na expressão alemã equivalente a “deixar desejar” para se referir a alguém ou algo que não corresponde às expectativas. *Sein Betragen lässt noch viel zu wünschen* (Seu comportamento deixa ainda muito a desejar) (QUINET, p. 66, 2000).

Em Freud, o desejo (*Wunsch*) é empregado no contexto de uma teoria do inconsciente, designando-se numa definição que não varia mais: “o desejo é desejo inconsciente e realização de desejo” (ROUDINESCO; PLON, p. 147, 1998). Por isso, ele se liga prontamente à concepção de sonho que Freud desvela com seu tratado sobre os processos oníricos, uma vez que, “é no sonho que reside à definição freudiana do desejo: o sonho é a realização de um desejo recalcado e a fantasia é a realização alucinatória do desejo em si” (ROUDINESCO; PLON, p. 147, 1998). Posto isso, a *Interpretação dos Sonhos* se apresenta como um material ímpar na construção de uma ciência que se articula à teoria freudiana do desejo.

O *Wunsch* no Projeto (*Entwurf*)

No seminário *A Ética da Psicanálise*, Lacan (1986/2017) assegura a importância dos delineamentos teóricos freudianos desenvolvidos no *Projeto para uma Psicologia*, ressaltando a evidência dos primeiros traços daquilo que, posteriormente, guiou Freud a produzir suas principais formulações psicanalíticas. O que torna o *Entwurf*, nas palavras de Lacan (1986/2017) “verdadeiramente precioso” (p. 48) e não uma “pobre contribuiçõzinha a uma fisiologia fantasista que ele comporta” (p. 50).

É nas correspondências de Freud a Fliess que o *Projeto para uma Psicologia* começa a ganhar corpo e encontra na materialidade das palavras um lugar onde as principais ideias sobre o *Wunsch* freudiano começam a ser delineadas (TORRES, 2011). À vista disso, compreende-se o motivo de Lacan (1954-1955/2017) considerar o *Entwurf* uma obra inseparável da história do pensamento freudiano, bem como um importante trabalho para as elaborações posteriores que Freud desenvolverá em 1900, com a publicação de *A Interpretação dos Sonhos*. De maneira mais específica, sobre sua tese de que os sonhos são uma realização de desejo, a *Wunscherfüllung*.

O propósito de Freud (1895/1995) com a escrita do *Projeto* era fornecer uma psicologia científico-naturalista e apresentar os processos psíquicos em estados quantitativamente determinados. Nele, o autor demonstra a tendência da vida psíquica a evitar o desprazer, se valendo daquilo que elegeu como “princípio fundamental da vida nervosa” (p. 10): o princípio da inércia.

Sendo o desprazer correspondente ao aumento do nível de estímulos ou ao acréscimo quantitativo de pressão, cabe à tendência primária do aparato psíquico a descarga pela via motora de todo o excesso de energia capturada pelo sistema sensorial (FREUD, 1895/1995; TORRES, 2011). A princípio, o que Freud nos fornece é um “sistema vitalista, arco-reflexo, conforme o mais simples esquema estímulo-resposta parece obedecer unicamente à lei da descarga” (LACAN, p. 131, 1954-1955/2017).

Contudo, Freud (1895/1995) evidencia que diante da complexidade crescente do interior do organismo, o sistema nervoso começa a receber estímulos do próprio corpo que geram as grandes necessidades: fome, respiração, sexualidade, que devem ser igualmente eliminadas. No entanto, diferentemente dos estímulos exógenos, o organismo não pode escapar por si mesmo, através de via motora, do desprazer provocado pelo acúmulo excessivo de energia interna. Nesse sentido, para que haja um apaziguamento dessa tensão, uma certa quantidade de energia precisa ser suportada pelo organismo, visando o fornecimento indispensável da *ação específica* para gerar o alívio. Sobre essa especificidade dos estímulos endógenos, Freud declara:

Eles só cessam sob condições determinadas que têm de ser realizadas no mundo externo; por exemplo, o carecimento de alimento. Para executar esta ação, que merece ser chamada de *específica*, é preciso um desempenho independente de $Q\eta$ endógena; em geral é superior a ela, pois o indivíduo está colocado sob condições que podem ser designadas como *necessidade da vida* (FREUD, p. 11, 1895/1995).

Freud, neste ponto, entrelaça os estímulos endógenos ao que ele denominou de *necessidade da vida*, a *Not des Lebens* (GARCIA-ROZA, 2009). Lacan, por sua vez, vai traduzir como “estado de urgência da vida” (p. 62, 1986/2017). Tal constatação põe em evidência o *estado de desamparo original* do ser humano, que o coloca em dependência total da pessoa responsável pelos seus cuidados, e que o torna incapaz de realizar a *ação específica* necessária para o alívio da tensão (FREUD, 1895/1995; GARCIA-ROZA, 2008). Dessa maneira, a alteração no mundo externo essencial para cancelar provisoriamente o estímulo endógeno só “se efetua por *ajuda alheia*, na medida em que, através da eliminação pelo caminho da alteração interna, um indivíduo experiente atenta para o estado da criança” (FREUD, p. 32 1895/1995). Por conseguinte, é a eliminação da tensão interna, ou seja, de desprazer no organismo que dá lugar a *experiência de satisfação* (FREUD, 1895/1995; SANTOS, 2014).

A partir desse momento, a *experiência de satisfação* origina uma facilitação ou associação entre a imagem do objeto que proporcionou o apaziguamento e a imagem do movimento que permitiu a descarga (FREUD, 1895/1995). Assim, marcado pelos resíduos desta, instaura-se uma incessante busca por restabelecer a satisfação original. Ou seja, quando a necessidade se repete, surgirá um impulso psíquico que procurará reinvestir a imagem mnêmica à procura de reproduzir a satisfação primeva (SANTOS, 2014). Essa moção psíquica, Freud (1895/1995) denominou como *estados de desejo*. Expressão que, segundo Vidal (2008), é utilizada para se referir ao *Wunsch*:

uma moção dessas é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização de desejo, e o investimento pleno da percepção por parte da excitação da necessidade é o caminho mais curto para a realização de desejo. Nada nos impede de supor um estado primitivo do aparelho psíquico em que este caminho é realmente percorrido dessa maneira, ou seja, em que o desejar termina num alucinar (FREUD, p. 594, 1900/2018b).

Portanto, Freud caracteriza o desejo enquanto um impulso que visa reproduzir alucinatoriamente a satisfação original, isto é, um incessante “retorno a algo que já não é mais, [...] a um objeto perdido cuja presença é marcada pela falta” (GARCIA-ROZA, p. 145, 2009) e que nunca será reencontrado, restando apenas “seu eterno retorno em forma de alucinação” (SANTOS, p. 33, 2014). Sendo assim, “o estado de desejo (*Wunsch*) é o que resta, é o rastro” da *experiência de satisfação* (IDEM, p. 34); caracterizando-se enquanto “presença de uma ausência”, sendo o próprio desejo “a nostalgia do objeto perdido” (GARCIA-ROZA, p. 145, 2009).

Percebe-se, portanto, que Freud (1895/1995) parece estar às voltas no que se refere aos processos primários do aparelho psíquico. Por conseguinte, ele fornece particular importância àqueles que ocorrem durante o dormir, pois é caracterizado por uma diminuição dos estímulos externos que tornam supérflua a função secundária do eu (GARCIA-ROZA, 2009). Ou seja, “no sono o indivíduo está no estado ideal de inércia, isento de armazenamento de $Q\eta$ ” (FREUD, p. 49, 1895/1995). Além disso, Freud pontua o parentesco do sonho com os processos patológicos trabalhados por ele em sua prática clínica. Nas palavras do autor:

é um fato importante que, todos os dias durante o sono, temos diante de nós processos primários ψ como aqueles que foram, pouco a pouco, suprimidos biologicamente no desenvolvimento ψ . Um segundo fato de igual significado é que os mecanismos patológicos que a mais cuidadosa análise revela nas psiconeuroses têm a máxima semelhança com os processos oníricos (FREUD, p. 49, 1895/1995).

Desse modo, com a diminuição do investimento por parte do eu e do mecanismo de atenção durante o sono, juntamente com a paralisia motora que lhe é uma característica própria, as excitações provenientes de fonte endógena ficam livres para o que Freud (1895/1995) chama de compulsão ao associar. Percebe-se, portanto, que a especificidade do sono está na “exuberância dos processos primários em ψ , cuja expressão é o sonho” (GARCIA-ROZA, p. 184, 2008). E é nesta exuberância dos processos primários que acompanham os resíduos da *experiência de satisfação*, que a realização de desejo constitui seu palco nas malhas dos processos oníricos que, assim como nas neuroses, mascaram para o sonhador a significação de seus sonhos como *Wunscherfüllung* (QUINET, 2000).

O Wunsch e a demanda no sonho

Ao longo da *Interpretação dos Sonhos* observa-se que o Wunsch se apresenta como uma palavra *passé-partout*, servindo para designar as aspirações pré-conscientes, o desejo de dormir e o desejo inconsciente. Há, portanto, o uso de um mesmo termo para categorias distintas (QUINET, 2000). Nesta obra, é possível perceber que Freud progride passo a passo para o estabelecimento da teoria do sonho-desejo, distinguindo de início o Wunsch enquanto uma aspiração da vida de vigília que não foi atendida, “podendo a *Wunscherfüllung* ser traduzida por atendimento de uma demanda” (ANDRADE, p. 148, 1989).

Mas, “de onde provém o desejo que se realiza no sonho?” (FREUD, p. 579, 1900/2018b). É a pergunta levantada por Freud na *Traumdeutung* e para a qual ele aponta três possibilidades:

Ele pode 1) ter sido excitado durante o dia e não ter encontrado satisfação em consequência de circunstâncias externas; assim um desejo reconhecido e pendente fica reservado para a noite; 2) ele pode ter surgido durante o dia, mas ter sido rejeitado; resta-nos então um desejo pendente, porém reprimido; ou 3) ele pode não ter relação com a vida diurna e estar entre aqueles desejos que apenas durante a noite, provindos do material reprimido, se agitam em nós (FREUD, p. 579, 1900/2018b).

Percebe-se, portanto, que Freud inicialmente nos indica o *Wunsch* enquanto um voto-aspiração, que não sendo atendido durante a vida de vigília é desvelado “pelos pensamentos oníricos através do método de associação de ideias a partir de fragmentos do texto do sonho” (QUINET, p. 69, 2000). Em outros termos, Freud de uma maneira muito simples nos aponta que o sujeito vai dormir pensando “ah, se fosse assim...” e ao dormir, substitui por um “é assim” e sonha com a coisa realizada (FREUD, p. 232, 2017).

A prova indiscutível para Freud sobre a *Wunscherfüllung* são “os sonhos infantis que não deixam dúvida de que um desejo diurno não realizado pode ser o excitador do sonho” (FREUD, p. 580, 1900/2018b). São os sonhos das crianças que nos são oferecidos por Freud como o primeiro estado do desejo no sonho (LACAN, 1958-1959/2016). Freud, no sonho infantil, nos aponta para uma “realização direta, não encoberta, desse desejo” (FREUD, p. 138, 1916-1917/2014). Isto é, na criança “o desejo iria sem rodeios, da maneira mais direta, para o que o sujeito deseja” (LACAN, p. 75, 1958-1959/2016).

É esse *Wunsch* que Freud nos designa no sonho da injeção de Irma. O desejo enquanto o voto de ser desculpado pelo fracasso do tratamento da jovem paciente. “É a demanda de perdão, de ser desresponsabilizado, que é revelada por suas associações” depois de saber que sua paciente não estava bem na noite anterior (ANDRADE, p. 149, 1989). Sobre a interpretação desse sonho Freud declara:

O resultado do sonho é que não sou culpado pelas dores que Irma ainda sente, mas que a culpa é de Otto. Ele me irritou com seu comentário sobre a cura incompleta de Irma, e o sonho me vingou dele ao voltar a censura contra o próprio Otto. O sonho me absolve da responsabilidade pelo estado de Irma [...]. O sonho apresenta um certo estado de coisas tal como eu poderia desejá-lo; *seu conteúdo, portanto, é uma realização de desejo, e seu motivo, um desejo* (FREUD, p. 140, 1900/2018a).

Desse modo, a *Wunscherfüllung* enquanto atendimento de demanda, realizada pelo próprio sonho, corresponde, “em termos freudianos, à realização de desejo consciente ou

pré-consciente” (QUINET, p. 70, 2000). Nesse sentido, podemos apurar no sonho a demanda que o sujeito dirige ao Outro, sendo o próprio sonho uma resposta deste a demanda do sujeito (ANDRADE, 1989). Daí de o sonho surgir como uma mensagem do Outro, enquanto um aviso dos deuses na interpretação dos antigos na história da humanidade (GONTIJO, 2006; PROCHET, 2013). Logo, essa outrificação do inconsciente (deuses) é apreendida como sinal de amor: “Sim, o Outro me ama porque responde às minhas demandas, atende aos meus pedidos” (QUINET, p. 71, 2000). É essa demanda que se desvela nos pensamentos oníricos, como a *Wunscherfüllung* de Freud no sonho da injeção de Irma (IDEM). Para Lacan (1954-1955/2017), contudo, é a emergência da fórmula química da trimetilamina, que se revela no sonho da Injeção de Irma, que o interessa, na medida em que, ela se apresenta como uma solução simbólica no sonho.

Entretanto, apesar dos restos diurnos colaborarem para a formação do sonho, aproveitando o conteúdo onírico para se imporem à consciência também durante a noite, o desejo diurno insatisfeito não tem força suficiente para criar um sonho no adulto. Para Freud, “a moção de desejo oriunda do consciente fornecerá uma contribuição para instigar o sonho, mas provavelmente não mais que isso” (FREUD, p. 581, 1900/2018b). O sonho não surgiria se o desejo pré-consciente não buscasse um reforço em outro lugar. A saber: do inconsciente (FREUD, 1900/2018).

Contudo, antes de adentrar sobre o que diz respeito ao desejo inconsciente, cabe aqui uma atenção a outro *Wunsch* muito particular elencado por Freud em seu tratado sobre os processos oníricos. Um desejo universal que possui importante participação no processo de formação dos sonhos, contudo, não se assemelha ao desejo pré-consciente, nem ao desejo inconsciente. Trata-se do desejo de dormir (*Wunsch zu schlafen*) (FREUD, 1900/2018).

Wunsch zu schlafen: “Deixe-me em paz, quero dormir”

“A primeira coisa que todos os sonhos têm em comum, naturalmente, é o fato de dormirmos quando sonhamos” (FREUD, p. 95, 1916-1917/2014). É o que diz Freud em *Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1916-1917/2014), ressaltando que sonhar é, evidentemente, nossa atividade psíquica durante o sono. Proposta que o autor apresenta em seu tratado sobre os processos oníricos, destacando que a função do sonho consiste em ser guardião do sono (FREUD, 1900/2018).

Por conseguinte, é por meio do estudo sobre os sonhos que Freud (1916-1917/2014) aponta para a peculiaridade do estado de sono ao demonstrar seu caráter psicológico, desmitificando a evidência de que não se trata de uma necessidade puramente biológica. Em suas palavras:

O sono é um estado em que nada quero saber do mundo exterior, pelo qual já não tenho nenhum interesse. Trata-se de um estado que adentro na medida em que me afasto desse mundo exterior e me fecho a seus estímulos. Além disso, adormeço também quando estou cansado desse mundo. Ao adormecer, portanto, digo ao mundo exterior: “Deixe-me em paz, quero dormir” (FREUD, p. 94, 1916-1917/2014).

Se o caráter biológico do sono parece propiciar o repouso, sua tendência psíquica visa à suspensão de interesse pelo mundo. Aponta para uma relação nossa com o mundo em que “não o suportamos sem interrupção” (FREUD, p. 95, 1916-1917/2014). Tal constatação Freud apresenta em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2018) quando expõe que “o sistema psíquico dominante durante o dia se concentra no desejo de dormir” (FREUD, p. 618, 1900/2018b), uma vez que, o desvio do mundo exterior conservou sua importância no funcionamento da vida psíquica, colaborando, portanto, para a realização de desejo na constituição dos processos oníricos. Segundo Freud

o sonho está autorizado a expressar um desejo inconsciente depois que ele passou por todo tipo de distorções, enquanto o sistema dominante se retraiu ao desejo de dormir e realizou esse desejo produzindo as modificações de investimento que lhe foram possíveis no interior do aparelho psíquico, mantendo-o, finalmente, por toda a duração do sono (FREUD, p. 598, 1900/2018b).

Assim sendo, Freud (1900/2018) nos desvela o sonho enquanto resultado de um compromisso. Ao dormir, as pessoas satisfazem um desejo e, ao mesmo tempo, prosseguem com o sono (FREUD, 1916-1917/2014). Logo, “é certo que se dorme para encontrar com os sonhos” (MILLER, p. 35, 1997). Assim como ressalta Freud na carta dirigida a Fliess em junho de 1899: “invariavelmente, o sonho visa realizar um desejo que assume diversas formas. É o desejo de dormir! Sonhamos para não ter que acordar, porque queremos dormir. *Tant de bruit...*” (FREUD, p. 355, 1887-1904/1986). Por conseguinte, todos os sonhos são sonhos de comodidade e o meio pelo qual o “desejo de dormir empresta seu apoio ao desejo inconsciente” (FREUD, p. 599, 1900/2018b).

Outrossim, Lacan no seminário *O desejo e sua interpretação* evidencia que além de possibilitar a suspensão da realidade, o desejo de dormir é desejo de morte. Sendo este último “aquilo que o sujeito do *Wunsch* se satisfaz” (LACAN, p. 56, 1958-1959/2016).

Sob o mesmo ponto de vista, André Green (2010) salienta que “o maior desejo do sonhador é o desejo de dormir, de alcançar o ‘estado ideal de inércia’ do sono sem sonhos” (p. 133).

Para Lacan (1969-1970/2017), o desejo de dormir se apresenta como o maior enigma nos escritos de Freud sobre o mecanismo do sonho. Em seu seminário sobre *O avesso da psicanálise* (1969-1970/2017) salienta que Freud situa aquilo que determina como operação do sonho enquanto *Wunsch zu schlafen* (desejo de dormir), e não *schlafen bedurfnis*, necessidade de dormir. Lacan completa expondo que

o curioso é que ele [Freud] completa essa indicação com o seguinte – um sonho desperta justamente no momento em que poderia deixar escapar a verdade, de sorte que só acordamos para continuar sonhando – sonhando no real, ou, para ser mais exato, na realidade (LACAN, p. 54, 1969-1970/2017).

Não por acaso, Freud (1900/2018) revela que o sonho, ao realizar o desejo de maneira alucinatória, é sempre sustentado por uma fantasia. Em *O poeta e o fantasiar* (1908/2015), ele frisa a relação que há entre sonho e fantasia quando declara que “nossos sonhos noturnos nada mais são do que [...] fantasias” (p. 59). Assim sendo, o sonho está a serviço do adormecimento, e justo no momento em que algo do real tenta imiscuir-se no sonho, como nos de angústia, o sujeito acorda. Acorda, justamente, para continuar dormindo, isto é, fantasiando (JORGE, 2010), uma vez que, “a fantasia organiza o mundo, organiza a maneira de aceder à realidade externa” (VIEIRA, p. 12, 2003).

A *Wunscherfüllung*

O sonho é uma realização de desejo (*Wunscherfüllung*) (FREUD, 1900/2018). Essa é a grande tese freudiana na *Interpretação dos Sonhos* e que reflete, também, à própria definição de sonho em Freud. Enquanto formação do inconsciente, o sonho é sempre expressão de um *Wunsch*, de um desejo inconsciente (*Unbewuster Wunsch*) (QUINET, 2000). Afinal, o sistema inconsciente “não conhece outra meta para seu trabalho a não ser a realização de desejo e [...] não dispõe de outras forças a não ser as das moções de desejo” (FREUD, p. 596, 1900/2018b). Moções essas que apresentam seu traço também na formação dos sintomas psiconeuróticos.

Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/2018) ressalta que o sonho, enquanto formação do inconsciente, não poderia ser a única maneira peculiar de realização de desejo. Para ele, a teoria dos sintomas psiconeuróticos colabora com a tese de que esses também devem ser compreendidos como realização de desejo inconsciente “que provém do infantil e se encontra recalçado” (FREUD, p. 626, 1900/2018b).

Com isso, o que Freud (1900/2018) nos desvela com o estudo sobre a neurose e, em particular, com o tratado sobre processos oníricos, a *Traumdeutung*, é a peculiaridade própria dos desejos inconscientes: “são eles próprios, contudo, de origem infantil” e, enquanto tais são indestrutíveis (FREUD, p. 581, 1900/2018b). Eles são caminhos, trilhamentos antigos (*Bahnungen*) abertos de uma vez por todas, que jamais ficam abandonados e que conduzem a excitação à descarga sempre que reinvestidas (FREUD, 1900/2018). De acordo com Freud, são esses desejos inconscientes que

estão sempre em movimento, sempre prontos a se expressar quando têm ocasião de se aliar a uma moção do consciente, de transferir sua intensidade maior à intensidade menos desta. Assim surge necessariamente a aparência de que apenas o desejo consciente se realizou no sonho; apenas uma peculiaridade na configuração desse sonho nos servirá de indicação para descobrir o ajudante poderoso provindo do inconsciente. Esses desejos sempre em movimento de nosso inconsciente, por assim dizer imortais (FREUD, p. 581, 1900/2018b).

À vista disso, Lacan (1957-1958/2017) pontua que no sonho mais de um desejo se apresenta. Contudo, apesar dos desejos diurnos fornecerem o ensejo e o material necessário ao trabalho onírico, ressalta que o desejo inconsciente é o que lhe interessa. É o *Wunsch* infantil o capitalista que em toda formação do sonho, encontra nos pensamentos diurnos seu empresário e assenta a elaboração onírica sob a restrição de “apenas poder figurar o que for realização de desejo e de poder emprestar apenas do desejo sua forma psíquica impulsora” (FREUD, p. 513, 1900/2018b). Trata-se, portanto, de um desejo que guarda o selo da primeira infância, que só acentua suas características de proibido e inconfessável (QUINET, 2000), e que encontra na transferência para os restos diurnos o ponto de apoio necessário para driblar a censura, possibilitando, dessa forma, sua imposição de renovação, seu eterno retorno em forma de sonho (FREUD, 1900/2018).

Um retorno, no entanto, traduzido para um modo de expressão arcaica, assim como ressalta Freud (1900/2018); por assim dizer: retrógrada. Uma vez que, quando a excitação, por um motivo qualquer, não encontra saída pela motilidade, “produz-se sempre algo que é

de ordem regressiva” (LACAN, p. 77, 1958-1959/2016). Dessa forma, nas palavras de Freud:

o sonho, que realiza seus desejos pelo caminho curto e regressivo, conservou com isso apenas uma amostra do modo de trabalho primário do aparelho psíquico, abandonado devido sua ineficácia. Aquilo que outrora dominava durante a vigília, quando a vida psíquica ainda era jovem e inepta, parece ter sido banido para a vida noturna, mais ou menos assim como encontramos no quarto das crianças as armas primitivas abandonadas da humanidade adulta, o arco e a flecha. O sonhar é uma parcela de vida psíquica infantil superada (FREUD, p. 595, 1900/2018b).

Percebe-se, portanto, que é o processo primário que está em jogo na constituição onírica (LACAN, 1958-1959/2016). “É aqui que aparece algo, uma *Vorstellung*, que por acaso dá à excitação em questão uma satisfação que, rigorosamente falando, é alucinatória” (LACAN, p. 77, 1958-1959/2016). O desejo, portanto, é esse movimento, esse vetor de orientação que “vai dar na formação de imagens no sonho segundo o modelo forjado da alucinação da experiência de satisfação primitiva” (ANDRADE, p. 150, 1989). Não por acaso, é com base nesta experiência relatada no *Projeto para uma Psicologia* que Freud (1895/1995) fornece o modelo de constituição do desejo. Trata-se de um *Wunsch* “que permanece inapreensível e não passível de inibição para o pré-consciente” (FREUD, p. 631, 1900/2018b). Por esse motivo, “Freud introduz a expressão *o núcleo de nosso ser* e o situa no nível primário”, no sentido em que este se constitui de movimentos desejantes inconscientes. Ou seja, “o núcleo de nosso ser é da ordem do desejo, de um desejo impossível de se apreender e de conter, apesar do secundário” (MILLER, 2019, online).

Nesse sentido, o que Freud nos desvela é a relação peculiar que o sonhador tem com seus desejos: “ele os rejeita, censura, em suma, não gosta deles. Assim, sua realização não pode lhe causar prazer, e sim apenas o oposto disso [...] sob a forma de angústia” (FREUD, p. 609, 1900/2018b). De modo que, “o sonhador apenas pode ser comparado a uma soma de duas pessoas, que, no entanto, estão unidas por um forte elemento comum” (IDEM). Eis como Freud apresenta a divisão do sujeito causada pelo desejo, demonstrando “a equivalência do sujeito dividido, sujeito do inconsciente, com o próprio desejo ($\$ \cong d$)” (QUINET, p. 76, 2000). Algo que ele já o fizera previamente no *Projeto para uma Psicologia* quando estabelece dois sistemas psíquicos: o processo primário que admite o desejo e o processo secundário que o censura e o deforma. Desse modo, todo sonho é expressão de desejo, mesmo os que provocam desprazer, pois trata-se de um *Wunsch* da

primeira instância (IDEM). “Ali onde ele se apresenta mais fragmentado” (LACAN, p. 76, 1958-1959/2016).

É nessas etapas lógicas de sua constituição a partir da primeira experiência hipotética de satisfação, que Freud demonstra que o desejo inconsciente é estruturado pela falta (QUINET, 2000). Após a vivência de satisfação originária nunca será possível o reencontro do objeto, uma vez que, a relação com este está para sempre frustrada, pois “o estatuto do objeto, em Freud, é o da perda” (SANTOS, p. 33, 2014). Dessa forma, o que resta é a representação simbólica do objeto primevo por meio da alucinação (IDEM). “O desejo é, portanto, correlativo à falta, a essa impossibilidade de atingir o objeto real, objeto que é, ele mesmo, a metonímia dessa falta” (QUINET, p. 81, 2000).

Não por acaso, Garcia-Roza (p. 199, 2008) pontua que “o desejo é a ilusão da falta do objeto”, uma vez que, “ele é desejo de desejo, e não desejo de objeto” (IDEM, p. 192, 2008). Assim sendo, o desejo, referencial central da teoria psicanalítica, não se confunde a concepção naturalista ou biológica da necessidade. A diferença entre ambos está no ponto em que a necessidade é de ordem física, biológica e encontra sua satisfação em um objeto específico que permite a redução da tensão, enquanto “o desejo não implica uma relação com um objeto real, mas com um fantasma” (GARCIA-ROZA, p. 144, 2009). Nesse sentido, Lacan (1954-1955/2017) no seminário *O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise* ressalta que, no que diz respeito ao desejo inconsciente, não se trata de uma satisfação real, mas sim alucinatória. Em suas palavras:

se dermos ao termo de desejo uma definição funcional, se ele for para nós a tensão posta em jogo por um ciclo de realização comportamental seja lá qual for, se o inscrevermos num ciclo biológico, o desejo vai dar na satisfação real. Se ele vai dar numa satisfação alucinatória, é que, então, existe aí um outro registro. O desejo se satisfaz alhures e não numa satisfação efetiva. Ele é a fonte, a introdução fundamental da fantasia como tal (LACAN, p. 267, 1954-1955/2017).

Assim, não há falta de objeto para o desejo humano, mas sim um vazio essencial e insuperável (GARCIA-ROZA, 2008).

Considerações finais

Percebe-se, portanto, que o sonho articula alguma coisa que insiste em fazer-se reconhecer, algo de uma “aventura primordial que se passou em torno do desejo infantil,

do desejo essencial, que é o desejo do Outro, ou desejo de ser desejado”. É a marca do que se inscreve no sujeito ao longo dessa aventura que fica ali, subjacente e que dá a última palavra do que nos interessa no sonho (LACAN, p. 282, 1957-1958/2017).

Nesse sentido, o que Freud postula em *A Interpretação dos Sonhos*, é a insistência, a indestrutibilidade e a força de expressividade do desejo inconsciente que faz uso do trabalho de formação dos sonhos para driblar as censuras impostas pelo processo secundário e abrir “caminho até os restos diurnos” (FREUD, p. 601, 1900/2018b), nos provando que o reprimido continua existindo no homem adulto e permanece capaz de produções psíquicas, sendo o próprio sonho uma das manifestações desse reprimido.

O desejo trata-se, portanto, de um percorrer incansável deixado pelos rastros da *experiência de satisfação* na tentativa de reproduzir a situação de satisfação original. Em outras palavras, o que Freud (1900/2018b) evidencia com seu tratado sobre os processos oníricos é que o sonho, enquanto expressão do *Wunsch* inconsciente, é a busca infindável pelo reencontro com o objeto de satisfação para sempre perdido.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, A. Q. O sonho do ser roubado. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Clínica Lacaniana: casos clínicos do campo freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1989, p. 148-154.
- COSTA, A. **Sonhos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos – volume 1** (1900). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018a.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos – volume 2** (1900). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018b.
- FREUD, S. O poeta e o fantasiar (1908). In: **Arte, literatura e os artistas**. Tradução: Ernani Chaves. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 53-66.
- FREUD, S. Segunda parte: Os sonhos. In: **Conferências Introdutórias à Psicanálise**. (1916-1917). Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2014, p. 88-263.
- FREUD, S. A relação do chiste com o sonho e o inconsciente (1905). In: **Obras Completas, volume 7: o chiste e sua relação com o inconsciente**. Tradução: Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017, p. 227-256.
- FREUD, S. **Projeto para uma psicologia** (1895). Tradução: Osmyr Faria Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995.
- FREUD, S.; FLIESS, W. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess** (1887-1904). Jeffrey Moussaieff (Org.). Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 355-356.
- GARCIA-ROZA, L. A. A pré-história da psicanálise – II, O projetode 1895. In: **Freud e o inconsciente**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009, p. 42-60.
- GARCIA-ROZA, L. A. O desejo. In: **Freud e o inconsciente**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009, p. 139-150.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana, volume 1: sobre as afasias (1891): O Projeto de 1895**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana, volume 2: A Interpretação dos Sonho**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- GONTIJO, T. A arte de sonhar. **Epistemo-somática**, Belo Horizonte, v. 3, n. 02, set/dez, p. 186-194, 2006.

GREEN, A. Do “Projeto” à “Interpretação dos Sonhos”: ruptura e fechamento. **Revista Brasileira de Psicanálise**, Paris, v. 44, n. 1, p. 111-134, 2010.

HANNS, L. A. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

JORGE, M. A. C. Sonho, fantasia, delírio, ilusão. In: **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2: a clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 201-219.

LACAN, J. **O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise (1954-1955)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

LACAN, J. **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

LACAN, J. **O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação (1958-1959)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN, J. Introdução da Coisa. In: **O Seminário, livro 7: A Ética da Psicanálise (1986)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, p. 29-110.

LACAN, J. **O Seminário, livro 17: O avesso da Psicanálise (1969-1970)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

MILLER, J. O desejo. In: **Lacan elucidado: palestras no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997, p. 35-58.

MILLER, J. **O ser, é o desejo**. 2019. Disponível em: <
<https://congresoamp2020.com/pt/articulos.php?sec=el-tema&sub=textos-de-orientacion&file=el-tema/textos-de-orientacion/el-ser-es-el-deseo.html>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

PROCHET, N. De que são feitos os sonhos? **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 28, p. 11-25, jan/jun. 2013.

QUINET, A. O *Wunsch* no sonho. In: **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 63- 85.

RIVERA, T. O sonho e o século. Prefácio. In: FREUD, S. **A interpretação dos sonhos – volume 1** (1900). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, A. T. **Desejo e Pulsão nos processos de sublimação**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

TORRES, R. Indicações sobre a estrutura da ação específica freudiana: efeitos para o sujeito da psicanálise. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, jan/jun, p. 61-76, 2011.

VIDAL, P. E. V. A máquina do psiquismo. **Estudos de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 267-273, 2008.

VIEIRA, M. A. Da realidade ao real: Jacques Lacan e a realidade psíquica. **Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, v. 174, p. 1-14, 2003.